



# CLEÓPATRA E OS ANTIGOS CÉSARES SEM A LETRA 'O', POR FULGÊNCIO, O MITÓGRAFO: TRADUÇÃO LIPOGRAMÁTICA DO LIVRO XIV DA DE *AETATIBUS MUNDI ET HOMINIS*

CLEOPATRA AND THE ANCIENT CAESARS WITHOUT THE LETTER 'O', BY FULGENTIUS, THE MYTHOGRAPHER: LIPOGRAMMATIC TRANSLATION OF BOOK XIV OF DE *AETATIBUS MUNDI ET HOMINIS*

Cristóvão José dos Santos Júnior\*

\* cristovao\_jsjb@hotmail.com  
Doutorando e mestre em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Bahia e mestrando em Estudo de Linguagens pela Universidade do Estado da Bahia (Salvador-BA).

Resumo: Esta é a primeira tradução lipogramática do Livro XIV da obra *De aetatibus mundi et hominis*. Tal escrito é o mais antigo lipograma atestável, sendo atribuído ao autor norte-africano e tardo-antigo Fábio Planciades Fulgêncio, o Mitógrafo, que teria vivido entre os séculos V e VI d.C. Nesta última seção, Fulgêncio descreve a vida de imperadores romanos a partir de sua óptica moral cristã sem empregar unidades lexicais que apresentem a letra 'o'. Ressalte-se, por fim, que essa marca estilística foi cultivada no texto de chegada, proposto a partir da edição crítica estabelecida pelo filólogo latinista Rudolf Helm (1898), haja vista sua relevância para a História da Arte e para a tradição de Escrita Constrangida.

Palavras-chave: Césares; Fulgêncio; Antiguidade Tardia; Lipograma; Escrita Constrangida.

Abstract: This is the first lipogrammatic translation of Book XIV of *De aetatibus mundi et hominis*. This writing is the oldest attestable lipogram, attributed to the North African and late author Fabius Planciades Fulgentius, the Mythographer, who would have lived between the 5th and 6th centuries. In this last section, Fulgentius describes the life of Roman emperors from his Christian moral perspective without using lexical units that present the letter 'o'. Finally, it should be noted that this stylistic mark was cultivated in the proposed arrival text that was made from the critical edition established by Latinist philologist Rudolf Helm (1898), considering its relevance to the History of Art and to the tradition of Constrained Writing.

Keywords: Caesars; Fulgentius; Late Antiquity; Lipogram; Constrained Writing.

1. Além da *De aetatibus*, já realizamos traduções parciais das *Institutiones (Institutas)* de Justiniano (séc. V – séc. VI d.C.), publicadas inicialmente para o português e, em seguida, para o inglês por Cristóvão Santos Júnior em coautoria com Heron Gordilho (2019 e 2020), em um trabalho de investigação do *status* jurídico atribuído aos animais por aquele diploma normativo. Ademais, também nos debruçamos na tradução da obra *De ira Dei (Sobre a ira de Deus)* de Lúcio Cecílio Firmiano Lactância (séc. III – séc. IV d.C.), já havendo sido publicadas as traduções de seus capítulos I, II, VIII e XIV por Cristóvão Santos Júnior (2020, 2020a, 2020b e 2020c).

2. Já estão disponíveis para a leitura as traduções alipogramáticas do Livro V (*Ausente E*) e do Livro XIV (*Ausente O*); as traduções lipogramáticas e alipogramáticas do prólogo e do Livro IX (*Ausente I*); e as traduções lipogramáticas do Livro I (*Ausente A*), do Livro II (*Ausente B*), realizada em um artigo que discute alguns fundamentos pós-estruturalistas da proposta tradutória, do Livro III (*Ausente C*), do Livro IV (*Ausente D*), do Livro VI (*Ausente F*), do Livro VII (*Ausente G*), do Livro X (*Ausente K*), de caráter lipogramático meramente simbólico, do Livro XI (*Ausente L*) e do Livro XII (*Ausente M*), efetuadas por Cristóvão Santos Júnior (2019b, 2019c, 2020d, 2020e, 2020f, 2020g, 2020h, 2020i, 2020j, 2020k, 2020l, 2020m, 2020n e 2021) e por Cristóvão Santos Júnior em coautoria com José Amarante (2020).

### BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A DE AETATIBUS E NOSSO PROJETO TRADUTÓRIO

A Antiguidade Tardia é um período ainda pouco investigado em trabalhos desenvolvidos em língua portuguesa, possuindo inúmeras obras que não apresentam sequer tradução para nosso idioma. Assim, estruturamos nosso projeto tradutório de autores tardo-antigos almejando divulgar as contribuições de alguns escritores que foram representativos desse período<sup>1</sup>, ainda que pouco examinados academicamente.

Neste momento, dando continuidade a nosso projeto, ofertamos a primeira tradução lipogramática do Livro XIV da *De aetatibus mundi et hominis (Das idades do mundo e da humanidade)*<sup>2</sup>, atribuída ao escritor norte-africano Fábio Placíades Fulgêncio. Também conhecido como o Mitógrafo em virtude da sensível repercussão de suas *Mythologiae (Mitologias)*<sup>3</sup>, Fulgêncio consiste em um escritor com uma biografia repleta de incertezas. São, de fato, poucas as informações disponíveis para seu estudo, de modo que muitos pesquisadores levam em consideração citações de terceiros, referências intratextuais, elementos linguísticos e aspectos estilísticos.

Nesse vértice, um estudo recente e muito proveitoso foi desenvolvido por Martina Venuti (2009, 2018), que

traduziu o prólogo do Livro I das *Mitologias* para o italiano. Os prólogos das obras fulgencianas apresentam, em geral, algum teor informativo, sugerindo, até mesmo, um cenário sócio-político conturbado, o que pode, contudo, configurar somente topos literário, consoante a dicção de Gregory Hays (2003).

Dentre as problemáticas articuladas acerca de nosso autor, toma relevo uma de cunho filológico relativa à sua fortuna textual. Ocorre que, em dados momentos, a tradição manuscrita e a impressa atribuíram escritos do Mitógrafo a seu homônimo, o Bispo de Ruspe. Nesses termos, forjou-se uma hipótese monista, responsável por considerar a existência de apenas um único autor. Hodiernamente, contudo, prevalece a hipótese dicotômica, que identifica a existência de dois compositores diferentes e com estilos notadamente diversos: Fulgêncio, o Mitógrafo, e Fulgêncio, o Bispo de Ruspe<sup>4</sup>.

A *De aetatibus*, por sua vez, diz respeito a um importante testemunho da tradição de escrita constrangida. Conforme as preleções do oulipiano Georges Perec, a obra em comento se trata do mais antigo lipograma concretamente atestável (OULIPO, 1973). Nesse sentido, o autor do célebre lipograma *La Disparition (O Sumiço)*<sup>5</sup>, considera que – embora sejam eventualmente citados

3. Os escritos atribuídos a Fulgêncio são comumente aludidos de modo abreviado: *Mythologiae* para *Mythologiarum libri tres*; *Continentiae* para *Expositio Virgilianae continentiae*; *Sermonum* para *Expositio sermonum antiquorum*; e *De aetatibus* para *De aetatibus mundi et hominis*.

4. Para um melhor entendimento da problemática filológica visualizada entre as obras fulgencianas, é oportuna a leitura do artigo de Cristóvão Santos Júnior (2019) intitulado *O problema da transmissão textual entre os dois Fulgências*.

5. Georges Perec elaborou o Romance *La Disparition* sem empregar a letra 'e', o que foi mantido na tradução para a língua portuguesa, intitulada *O Sumiço* e empreendida por Zéfere (2015).

lipogramistas anteriores ao Mitógrafo, como Píndaro, Partênio de Niceia, Nestor de Laranda, Trifiodoro e Laso de Hermíone – teriam remanescido apenas breves fragmentos creditados a Hermíone (OULIPO, 1973)<sup>6</sup>. Dessa maneira, é exatamente a partir do escrito aqui traduzido que se pode realmente apreciar a condição formal do registro lipogramático.

Lipograma nada mais é do que uma modalidade de escrita constrangida assinalada pela deliberada omissão de unidades lexicais que possuam um determinado grafema. O escrito fulgenciano é, por sua vez, um lipograma consecutivo, na medida em que seu autor evitou, sequencialmente, o emprego das quatorze letras iniciais de seu alfabeto líbico-latino<sup>7</sup>, o que foi realizado de ‘a’ a ‘o’.

Os marcos grafêmicos de princípio e o término da composição poderiam simbolizar o contraste teológico entre o alfa e o ômega, concernentes ao início e ao fim dos tempos, haja vista que Fulgêncio busca descrever as etapas cronológicas do mundo e do ser humano com fundamento em uma diretriz moral cristã. Assim, o Livro XIV, a seguir traduzido, poderia se tratar da última parte da *De aetatibus*. Saliente-se, todavia, que a maior parte da crítica entende que a obra estaria incompleta, considerando que o Mitógrafo parece sugerir, em seu prólogo,

que utilizaria todas as letras de seu alfabeto. Além disso, conforme o próprio leitor poderá examinar, o final desta seção é breve e apresenta um desfecho diegético abrupto, havendo uma singela referência a Valentiniano, o que poderia denunciar a ausência da integralidade do escrito.

Sem dúvidas, a *De aetatibus* está atravessada por variadas problemáticas que potencializam a diversidade interpretativa com que a fortuna crítica tende a lhe apreciar. Nesse amplo e complexo arcabouço investigativo, Hays (2019) aproxima a marca estilística lipogramática e o uso oscilante por Fulgêncio de distintos registros linguísticos com a técnica conhecida como *spoudaiogeloion*, em que haveria uma mescla do cômico com o solene, e já seria evidenciada na obra *As Rãs* de Aristófanes (séc. V – séc. IV a.C.). Assim, ele supõe que o Mitógrafo não teria a intenção de elaborar concretamente uma produção grandiosa, inclinando-se, em dados instantes, ao cômico ou trivial.

A crítica costuma atribuir a Fulgêncio a realização de quatro escritos diversos: *Mythologiarum libri tres* (*Os três livros das Mitologias*), *Expositio Virgilianae continentiae* (*A explicação dos conteúdos de Virgílio*), *Expositio sermonum antiquorum* (*Elucidação de palavras antigas*) e *De aetatibus mundi et hominis* (*Das idades do mundo e da humanidade*). Todas essas obras foram traduzidas para idiomas estrangeiros<sup>8</sup>

6. Para um exame mais detido da tradição de escrita constrangida, sugere a leitura dos artigos de Cristóvão Santos Júnior (2019a e 2020op) denominados *Rastros da Tradição Literária Experimental, Vestígios do experimentalismo poético greco-latino* e *A “Idade das Trevas” entre o platonismo literário e o problema da literariedade: tensionando a poética experimental*; além do artigo *Elementos da Tradição Palindrômica Antiga*, publicado por Cristóvão Santos Júnior em coautoria com José Amarante (2019).
7. Consoante o que se pode depreender das leituras de Whitbread (1971) e Manca (2003), o alfabeto empregado por Fulgêncio possui 23 letras, sendo similar ao nosso atual de língua portuguesa, com a supressão do grafema ‘w’ e das letras ramistas ‘j’ e ‘v’.

8. As *Mythologiae* ostentam uma tradução para o inglês, efetuada por Leslie Whitbread (1971) e outra para o francês, desenvolvida por Étienne Wolf e Philippe Dain (2013), além de traduções parciais em italiano de seu prólogo por Martina Venuti (2009 e 2018), de alguns excertos por Ferruccio Bertini (1974) e de excertos poéticos por Silvia Mattiacci (2002). A *Continentiae* possui traduções para o inglês, propostas por Whitbread (1971) e Zanlucchi (vd. AGOZZINO, 1972), para o italiano, engendrada por Fábio Rosa (1997), para o francês, elaborada por Étienne Wolff (2009), e para o espanhol, efetuada por Valero Moreno (2005). A *Sermonum* já foi alvo de tradução para o inglês por Whitbread (1971) e para o italiano por Ubaldo Pizzani (1968). A *De aetatibus*, finalmente, só tem uma tradução para o inglês de Whitbread (1971) e outra para o italiano de Massimo Manca (2003).

e as três primeiras também já foram alvo de exercícios tradutórios para a língua portuguesa, engendrados, respectivamente, pelos brasileiros José Amarante (2019), Raul Moreira (2018) e Shirlei Almeida (2018). Outro estudioso brasileiro que se notabilizou pelo estudo de Fulgêncio foi Marcos Martinho dos Santos (2016), que investigou determinadas interferências das *Mitologias* na *Genealogia* de Giovanni Boccaccio.

Apenas a *De aetatibus* continua sem uma tradução para nosso idioma, o que vem sendo enfrentado, paulatinamente, por nosso projeto. Desse modo, deve-se frisar que nosso escopo ostenta um caráter duplo, na medida em que buscamos a realização de duas versões tradutórias do lipograma fulgenciano, uma poética e lipogramática, além de outra, acadêmica e alipogramática, empreendidas segundo diferentes critérios e destinadas a finalidades similarmente distintas.

Nessa esteira, nossa empreitada tradutória reverbera, quanto à sua matriz teórico-filosófica, determinadas elaborações de ordem pós-estruturalista que contribuiram com o campo dos Estudos da Tradução. Desse modo, seguindo o desconstrutivismo de Jacques Derrida (2002), desconfiamos das noções de originalidade e fidedignidade, apreciando a tradução como um suplemento que não

substituiu o texto de partida, muito embora lhe confira uma nova possibilidade de leitura a operar por intermédio de um jogo do rastro pautado em sua *différance*, a ser compreendida tanto como diferenciação quanto como diferimento de ordem temporal. Não se acolhem, portanto, percepções imanentistas de caráter transcendental ligadas às noções de “certo” ou “errado” acerca da busca por assegurar a conservação de valores linguísticos puros no desenvolvimento de uma suposta transposição equivalente. Em realidade, a tradução é aqui concebida como um movimento plural de caráter transformador, possibilitando que variados eixos culturais sejam mobilizados quando da sua realização. Assim, as traduções aventadas não se inserem no reducionismo de perdas *versus* manutenções, abrindo-se para as potencialidades propiciadas pelo lipograma fulgenciano<sup>9</sup>.

A escrita marcada pela supressão grafêmica pode, por vezes, gerar certa nebulosidade linguística, decorrente da necessidade de evitar um conjunto considerável de vocábulos. Fulgêncio alerta, de modo muito enfático, para essa questão em seu prólogo, revelando possuir uma concreta consciência dos estorvos interpretativos impostos a seu leitor. Por simetria, uma tradução também lipogramática poderia acarretar ainda mais notável obscuridade, quanto ao processo de cultivo de determinados

9. Para um aprofundamento acerca dos desdobramentos pós-estruturalistas na atividade de tradução, recomenda-se a leitura do artigo de Rafael Guimarães da Silva (2018), intitulado *Die autonomie des Übersetzers – desconstruindo os pressupostos metafísicos de estudos tradicionais da tradução*. Quanto à recepção do pós-estruturalismo em nosso projeto de tradução lipogramática, é oportuna a leitura do artigo *Refletindo a fenomenologia de uma tradução lipogramática da De aetatibus mundi et hominis*, publicada por Cristóvão Santos Júnior (2019b).

malabarismos retóricos empregados pelo Mitógrafo, que se valeu de elipses, circunlóquios, antonomásias, perífrases, metonímias, metáforas, arcaísmos e helenismos, dentre outros.

Assim sendo, reputou-se oportuno engendrar uma tradução alipogramática que permitisse, por intermédio de uma linguagem mais fluida e vernacular, acesso mais célere ao núcleo temático consubstanciado no escrito de partida. Essa proposta pode ser interessante para estudiosos que busquem uma tradução mais próxima do texto latino, considerando, sobretudo, que, na área de Estudos Clássicos e Medievais, os especialistas também se utilizam de traduções.

Noutra banda, afigura-se indubitavelmente relevante a marca estilística constritora do lipograma ora examinado, que consiste no mais antigo testemunho atestável dessa modalidade de escrita. Tendo isso em conta, afigurou-se igualmente desejável um empreendimento que ressaltasse sua dimensão poética formal, ainda que isso não tenha sido realizado pelas traduções disponíveis em línguas estrangeiras.

Nesses termos, após a publicação de sua versão alipogramática, apresentamos a primeira tradução

lipogramática do Livro XIV da *De aetatibus*, em que Fulgêncio narra, por via de uma perspectiva axiológica teocêntrica, a vida de Césares romanos, sem utilizar unidades lexicais que contenham a letra ‘o’. Esta é uma seção altamente constritora, visto que o grafema omitido diz respeito a uma vogal, de forma que as dificuldades impostas são ainda maiores.

Por fim, com o escopo de cultivar a constrição linguística em nosso texto de chegada, evitamos vocábulos que apresentassem a letra ‘o’. Para tanto, viu-se oportuno o emprego de algumas estratégias adotadas pelo próprio Fulgêncio. Apenas a título de exemplo, o Mitógrafo, garantindo a incolumidade da estrutura lipogramática, faz referência a Cleópatra por intermédio da antonomásia *Aegyptiacam reginam* (“rainha egípcia”). Em nossa realização tradutória, por sua vez, adotamos a estrutura circunloquial “a divindade de duas faces” na tradução de *Ianus* (“Jano”). No Livro XII (*Ausente M*), Fulgêncio omite a palavra Maria na expressão ‘*Aue’ inquit ‘gratia plena’* (ele diz “Ave”, “cheia de graça”). Neste momento, consideramos oportuno suprimir o vocábulo “Atlântico” na tradução de *Atlanticum*. Finalmente, no Livro XII (*Ausente L*), nosso lipogramista emprega o helenismo *ynotece* ao invés da forma latina *cella*. Assim sendo, consideramos proveitoso o uso de alguns latinismos, tanto para aludir a cidade de

Áccio como para mencionar determinados imperadores romanos, algo que gera, em língua portuguesa, um efeito estrangeirizador próximo daquele proporcionado pelo grecismo fulgenciano em seu escrito latino.

#### TEXTO DE PARTIDA LATINO (ABEST O)

Nunc etiam Caesarum uitas instituum et principum atque augustae magnitudinis stemmata libris currentibus edicamus necesse est. Primus igitur Caesar, unde et imperiale cepit initium, uniuersae terrae detinuit principatum; suffragabatur etenim huius felicitati diuina natiuitas, cui etiam uniuersas inuincibiles uincere licuit causas. Qualiter enim ab huius imperiis libera existeret uniuersitas, sub cuius regnum nasci dignata est deitas. Primus namque uniuersae terrae limites imperiali maiestate subiecit, Britannicas ultra mare Atlanticum sitas insulas mira felicitate repressit, Actiacae pugnae certamine triumphans exstitit atque Aegyptiacam superatam regionem lactandas praebere mammis serpentibus persuasit. Dictaturam perpetuam sellamque auream primus in urbem aut habuit aut inuenit. Iani belligeri limina perenni securus clusura damnauit. Ultra Indicas latebras suae magnitudinis imperium duxit. Et ne quippiam reliquum remansisset, mundum sicut marinis terminatur amfractibus describendum censendumque mandauit. Haec sunt tua Deus secreta misteria, haec sacrae natiuitatis munera

sempiterna; neque enim decebat illum regnandi habere participem, quem in tua natiuitate decreueras regem, ut Deus principium Cesari et Cesar principium fieret mundi. Denique ut haec clarius manifestasset diuinitas, inspicere quid deinceps sequitur. Videsne eneruatum in aliis ultra imperium et lasciuienti desidia in sequentibus deinceps [p. 177 Helm] putrefactum? Da Calligulam aureis piscantem retibus funibusque purpureis; da Caesareanae turpitudinem stirpis, ubi ille madidus princeps, entheca sceleris, qui uirum quem male acceperat perdidit [et] mulierem quam iuste meruerat sumsit, regnum criminibus maculauit, et quid turpius aut uellet aut faceret, nisi ut grauidata ranunculis uiscera turgescenti dissilientia rugitu intestinis etiam crepitantibus — nihil amplius quam perennem saeculis fabulam peperit criminis. Exhinc iam luxu perfracta uirtus relanguit rigidaue seueritas deliciis accedentibus tepefacta migrauit. Tamen nequaquam in cunctis Augustis huiusque cladis tabes inrepsit. Fuere igitur uarii quibus et uirtus interrita inerat et animi cura uigilanti cautella referuerat. Nam Vespasianus Iudaicae uindex nequitiae, quem suae Christus iniuriae elegerat uindicem, ipse Israheliticam cladem finem usque perduxit et nequaquam iam ultra de captiuitatis ergastulum redituram perenni exulatu damnauit. Hic itaque Hebream aduersus Deum calcitrantem nequitiam execrandae famis exitu terminans illam usque miserabilitatem perduxit, ut

lacteis dependentem uberibus natum ieiunae matris faceret prandium et quae insensibilis suis catulis nequaquam ingerit fera, illud mater suis uisceribus faceret efferata. Quae sunt ista, Deus meus, te irascente permissa bellica crimina, ut fames naturae federa uinceret et mater de suis uisceribus ieiuna pranderet. Sed [p. 178 Helm] iusta haec diuinitatis in rebellibus fuerat pena. Quam enim Iudea patientiam haberet in filiis, quae suam salutem usque ad patibulum perduxerat crucis; et quae carnem filii Dei accipere spreuit, sui carnes filii suis epulis praeparauit. Cerne enim quia quinque panibus saturata quinque milia ante deriserat et nunc — tantum uitae reliquum — filii carnes esuriens praelambebatur. Primum etiam Iudaicus princeps dum Christum quaerit infantes interimit, ast hic secundus dum Christum ulciscitur parentum mandibulis infantes addixit. Quid referam Aureliani in Deum tu mentem inuidiam unius miraculi effectibus delinitam. Namque dum miles <...>, densatur aer, crassescunt nebulae, ignis ipse etiam, si credi fas est, aquas didicit parturire. Perdit ignis naturam in imbrem migratus, desudat humectus in radiis Febus, et ut diuinitas imperauit, flamma etiam pluere didicit atque in suis incendiis guttas habere se repentinas expauit. Discat itaque pagana duritia quia nec elementis licet suam uindicare naturam, quam Christianus tenet in suum uelle captiuam. Denique una pluuiarum unda et arida sitientium ieiunia et pagani

persequentis humidata est flamma. Iam enim aduersus Christianam fidem sacra ediderat, penas infixerat et cruciatus martyrum decretis publicis titularat. Quas tua pluuiarum, Deus, imbre faculas extinxit, et una eademque sententia imperialis censura infringitur, militaris ariditas saturatur. Quid referam placidum Neruam felicemque Traianum et primum Christianis meritis Augustalia insignia iungentem geminum Philippum. Praetermittam necesse est Iuliani tyrannicam rabiem in Dei ecclesias tempestiuus incursibus fluctuantem, dum Iudeis iam recuperandi templi facultas tribuitur et simulacrum Veneris templis asciscendum adfertur. Sed et Iudeis flamma uibrata crispata uerticibus cementa muris adlata disparuit et uestibus crucis characteriaca signacula figurauit; Veneris etiam transitum Babylae martyris praesentia interdixit. Valentinianus militare cingulum spernit et imperii diadematis munus excipit.

#### TEXTO DE CHEGADA EM LÍNGUA PORTUGUESA (AUSENTE O)

Neste instante, examinarei as vidas de Césares, e é imprescindível que se anuncie, na parte presente, a linhagem de príncipes e da augusta grandeza<sup>10</sup>. Primeiramente, destarte, César, que instituiu a gênese imperial, exerceu supremacia na terra inteira<sup>11</sup>.

10. A lição concretamente atestada é *stemata*, não *stemma*, como é apresentado na edição de Helm (MANCA, 2003).

11. Consoante as preleções de Manca (2003), o termo *universa terra* é típico na Bíblia, aparecendo 89 vezes na *Vulgata*.

Na verdade, a divina natividade garantiu sua riqueza, a quem também se permitiu vencer cada uma das causas invencíveis. De que maneira, na prática, a Terra existiria livre de sua influência, na área real em que a Divindade se creu digna de nascer?

Pela primeira vez, na realidade, César submeteu as divisas de cada uma das terras à majestade imperial, reprimiu as ilhas Britânicas situadas além-mar de maneira habilmente admirável, fez-se triunfante na batalha realizada em Actium e persuadiu a vencida rainha egípcia a dar as mamas às serpentes para aleitá-las<sup>12</sup>.

Pela primeira vez, ele manteve e instituiu, na cidade, a perpétua ditadura e a cadeira real áurea. Inabalável, submeteu à perene clausura as entradas da divindade beligerante de duas faces. Dirigiu a supremacia de sua magnitude além das divisas das Índias. E, para que nada lhe escapasse, ele definiu que se delineasse e estimasse a Terra, da mesma maneira que ela é delimitada pelas curvas marinhas.

Deus, esses figuram ser teus enigmas particulares! Essas figuram ser as incumbências da sagrada natividade! A valer, nem lhe ficava bem ter alguém para partilhar seu reinar, quem, na tua natividade, decretaras rei, para

que Deus afigurasse ser energia para César e César afigurasse ser a energia da Terra. Em suma, para que aquela Divindade mais claramente se manifestasse, examine a seguinte passagem.

Nem vês a supremacia enervada pelas demais figuras e putrefata na liderança seguinte pela desídia inclinada à lascívia? Exibe-se Calígula a pescar através de redes áureas e linhas púrpuras; exhibe-se a vilania da estirpe de César, na circunstância em que aquele príncipe de grande embriaguez – arca de crimes, que perdeu a virilidade que mal herdara e assumiu a feminilidade que justamente merecia – envileceu a área real através de crimes. E haveria prática mais vil que esta<sup>13</sup>? Que, engravidadas as vísceras dilacerantes das rãs, pela ramalhada intestinal, também se fizessem à turgescência crepitantes? Nada mais que uma tragédia perene de culpa pariu em eras. Em seguida, já despedaçada pela riqueza, a virtude empalideceu, e a rígida severidade, arrefecida pelas carícias aquiescidas, partiu.

Mas de maneira alguma a ruína da desventura se perfez em cada um de seus Césares. Existiram, destarte, aqueles em que a virtude se fazia destemida, e a prudência da alma ardia pela vigilante cautela. Na realidade, Vespasianus – em sua tendência vindicativa da iniquidade judaica, quem

12. Sublinhe-se a adoção de uma antonomásia lipogramaticamente empreendida por Fulgêncio para designar Cleópatra, aqui aludida como “rainha egípcia”.

13. Consoante assevera Manca (2003), a lição *uellet* é atribuída ao estudioso Reifferscheid, visto que os termos efetivamente atestados são *bellat* (PRT) e *bellati* (S).

14. Note-se que uma tradução mais imediata para *quinque panibus saturata quinque milia* poderia ser “os cinco mil saciados com cinco pães”. Por óbvia razão lipogramática, optou-se por trocar o número cinco por dez, considerando, inclusive, que essa permuta não traria maiores prejuízos ao sentido da frase.
15. Vide Mateus 14:13–21: Jesus, ouvindo isso, partiu dali, de barco, para lugar deserto, afastado. Assim que as multidões o souberam, vieram das cidades, seguindo-o a pé. Assim que desembarcou, viu uma grande multidão e, tomado de compaixão, curou seus doentes. Chegada a tarde, aproximaram-se dele seus discípulos, dizendo: “O lugar é deserto e a hora já está avançada. Despede as multidões para que vão aos povoados comprar alimento para si”. Mas Jesus lhes disse: “Não é preciso que vão embora. Dai-lhes vós mesmos de comer”. Ao que os discípulos responderam: “Só temos aqui cinco pães e dois peixes”. Disse Jesus: “Trazei-os aqui”. E, tendo mandado que as multidões se acomodassem na grama, tomou os cinco pães e os dois peixes, elevou os olhos ao céu e pronunciou a bênção. Em seguida, partindo os pães, deu-os aos discípulos, e os discípulos às multidões. Todos comeram e ficaram saciados, e ainda recolheram doze cestos cheios dos pedaços que sobraram. Ora, os que comeram eram cerca de cinco mil homens, sem contar mulheres e crianças.

Jesus elegera liderança vindicativa de sua injúria – dirigiu a desventura israelita até bem distante e, nem sequer regressada à atividade infligida da escravaria, agiu de maneira a exilá-la. Este, destarte, a extinguir a iniquidade hebraica, recalcitrante em face de Deus, pela pujança da execrável lazeira, dirigiu-a a tal miserabilidade, para que virasse ceia de uma mãe jejuna a criança nuela dependente de suas lácteas tetas, e as tralhas que uma fera insensível de nenhuma maneira inflige a suas crias, a mãe – selvagem – daria às suas vísceras.

Meu Deus! Que crimes beligerantes se afiguram esses pela sua Divindade factíveis, graças à tua ira, de maneira que a lazeira venceria as leis da natureza e a mãe jejuna ingeriria de suas vísceras! Mas esta justa pena era da Divindade para rebeldes.

Na prática, qual reverência teria a Judeia acerca da descendência, a qual levaria sua graça até a área fatal da cruz? Ela desistiu de abrigar a carne de Jesus e fez as carnes de sua cria para a sua ceia.

Veja, destarte, que ela antes escarnecera as dez mil figuras saciadas através de dez pães<sup>14</sup> e, neste instante, restam tantas migalhas da vida que ingeria faminta as carnes de sua cria<sup>15</sup>. Primeiramente, dessarte, a buscar

Jesus, um príncipe Hebreu desfez a vida de crianças, mas, neste instante, a vingar Jesus, a majestade seguinte vendeu as crianças às mandíbulas de seus pais<sup>16</sup>.

Qual item eu registraria acerca da altiva inveja seduzida pelas influências de um singular milagre, dirigida a Deus e atinente a Aurelianus? Certamente, na altura em que um militar <...><sup>17</sup>, a brisa se adensa, as nuvens pesam, e também a chama, se é plausível crer, aprendeu a parir as águas.

A chama perde a natureza, migrada na chuva, a divindade resplandecente herdeira de Júpiter dispersa a umidade em feixes de luz e, adequadamente à diretriz divina, também a chama aprendeu a precipitar-se em chuvas e, em suas labaredas, temia ter partículas repentinas. E assim a dureza pagã aprenderia que nem acerca da matéria se permite reivindicar sua natureza, que a gente crente mantém cativa em seu querer. Em suma, através de apenas uma vaga de chuva, as áridas dietas jejunas da gente sedenta e a chama da gente pagã tirânica se umidificaram.

Já preparara, destarte, sagradas liturgias acerca da fé cristã, infligira penas, e a sevícia de mártires se estabeleceu através da lei. Estas chamas, Deus, a tua chuva, pela tempestade, extinguiu, e, em virtude de uma mesma sentença, a censura imperial se desfez, e a aridez militar se satisfaz.

16. Vide Mateus 2:13–17: Após sua partida, eis que o Anjo do Senhor manifestou-se em sonho a José e lhe disse: “Levanta-te, toma o menino e sua mãe e foge para o Egito. Fica lá até que eu te avise, porque Herodes procurará o menino para o matar”. Ele se levantou, tomou o menino e sua mãe, durante a noite, e partiu para o Egito. Ali ficou até a morte de Herodes, para que se cumprisse o que dissera o Senhor por meio do profeta: “Do Egito chamei o meu filho”. Então Herodes, percebendo que fora enganado pelos magos, ficou enfurecido e mandou matar, em Belém e em todo seu território, todos os meninos de dois anos para baixo, conforme o tempo de que havia se certificado com os magos.

17. Helm (1898) sugere o complemento *ieiunia queritur* (“lamenta a abstinência”), a fim de preencher a lacuna do escrito.

Qual item se registra acerca de Nerva, paciente príncipe, de seu descendente imperial, feliz príncipe, e de Felipe, símile, que primeiramente às excelências cristãs as insígnias da divina descendência de César vinculam? É imprescindível que eu deixe a tirânica raiva de Julianus, que agiu flutuante às igrejas de Deus, através de tempestivas investidas, na altura em que já é atribuída a judeus a faculdade de recuperar sua igreja, e uma estátua de Vênus é levada, a ser recebida em áreas de sagrada reverência. Mas a chama, agitada em seus vértices vibrantes, dispersa, nas paredes judias, a argamassa e desenha sinais da cruz nas vestes. E assim a presença de Bábilas, um mártir, impede a transferência de Vênus.

Valentinianus rejeita a cinta militar e recebe a incumbência real através de um diadema imperial.

#### REFERÊNCIAS

- AGOZZINO, T. Secretum quaerere veritatis. Virgilio, vates ignarus nella Continentia Virgiliana. In: **STUDI classici in onore di Quintino Cataudella III**. Catania: Università di Catania, Facoltà di Lettere e Filosofia, 1972. p. 615-630.
- ALMEIDA, S. A. **“Expositio Sermonum Antiquorum”, de Fulgêncio, o Mitógrafo**: estudo introdutório, tradução e notas. 2018. 130 f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Cultura) – Pós-Graduação em Literatura e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/27547>. Acesso em: 7 set. 2020.
- AMARANTE, J. **O livro das Mitologias de Fulgêncio**: os mitos clássicos e a filosofia moral cristã. Salvador: Edufba, 2019.
- BERTINI, F. **Autori latini in Africa sotto la dominazione vandolica**. Genova: Tilgher, 1974.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM**. São Paulo: Paulus, 2019.
- DERRIDA, J. **Torres de Babel**. Tradução Junia Barreto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.
- FVLGENTII, F. **Opera**. Edição de Rudolf Helm. Lipsiae: Teubner, 1898.
- GORDILHO, H.; SANTOS JÚNIOR, C. The legal status of animals in Roman tradition. **RJLB – Revista Jurídica Luso-brasileira**, v. 4, p. 1411-1445, 2020. Disponível em: [https://www.cidp.pt/revistas/rjlb/2020/4/2020\\_04\\_1411\\_1445.pdf](https://www.cidp.pt/revistas/rjlb/2020/4/2020_04_1411_1445.pdf). Acesso em: 25 mar. 2021.

GORDILHO, H.; SANTOS JÚNIOR, C. O status jurídico sui generis dos animais no Corpus Iuris Civilis. **Revista Jurídica – Unicuritiba**, v. 1, p. 116-144, 2019. Disponível em: [https://figshare.com/articles/journal\\_contribution/THE\\_SUI\\_GENERIS\\_LEGAL\\_STATUS\\_OF\\_ANIMAL\\_IN\\_THE\\_CORPUS\\_IURIS\\_CIVILIS/7840847](https://figshare.com/articles/journal_contribution/THE_SUI_GENERIS_LEGAL_STATUS_OF_ANIMAL_IN_THE_CORPUS_IURIS_CIVILIS/7840847). Acesso em 27 mar. 2021.

HAYS, G. A World Without Letters: Fulgentius and the De aetatibus mundi et hominis The Journal of Medieval Latin. **Turnhout**, v. 29, p. 303-339, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1484/J.JML.5.118578>.

HAYS, G. The Date and Identity of the Mythographer Fulgentius. Journal of Medieval Latin. **Turnhout**, v. 13, p. 163-252, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1484/J.JML.2.304196>.

MANCA, M. **Le età del mondo e dell'uomo**. Allessandria: Edizioni dell'Orso, 2003.

MATTIACCI, S. 'Divertissements' poetici tardoantichi: i versi di Fulgenzio Mitografo. **Paideia**, Brescia, v. 57, p. 252-280, 2002.

MOREIRA, R. A. **"Exposição dos conteúdos de Virgílio", de Fulgêncio**: estudo introdutório e tradução anotada. 2018. 156 f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Cultura) – Pós-Graduação em Literatura e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/26692>. Acesso em: 7 set. 2020.

OROSIO, P. **Le storie contro i pagani**. Trad. Adolf Lippold. Mondadori: Milano, 2001.

PEREC, G. Histoire du lipogramme. In: OULIPO. **La littérature potentielle**: créations, re-crétions, récrétions. Paris: Gallimard, p. 77-93, 1973.

PEREC, G. **La Disparition**. Paris: Denoël, 1969.

PEREC, G. **O sumiço**. Traduzido por: Zéfere. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015. Tradução de: **La Disparition**.

PIZZANI, U. **Fulgenzi**: definizione di parole antiche. Roma: Ateneo, 1968.

ROSA, F. **Fulgencio**: Commento all'Eneida. Milano/Trento: F. R., 1997.

SANTOS JÚNIOR, C. A vida dos Césares, por Fulgêncio, o Mitógrafo: tradução alipogramática do livro XIV da *De aetatibus mundi et hominis*. **Prometheus**, Aracaju, v. 1, p. 261-272, 2021. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/prometeus/article/view/13378>. Acesso em 20/03/2021.

SANTOS JÚNIOR, C. Sócrates e a inexistência de sabedoria humana, por Lúcio Cecílio Firmiano Lactânio: tradução do capítulo I da obra **De ira Dei**. **Hypnos**, São Paulo, v. 45, p. 274-280, 2020. Disponível em: <https://hypnos.org.br/index.php/hypnos/article/view/626>. Acesso em: 11 out. 2020.

SANTOS JÚNIOR, C. A destruição dos fundamentos da religião por Epicuro: tradução do capítulo VIII da obra *De ira Dei* de Lúcio Cecílio Firmiano Lactânio. **Revista Escripturas**, v. 04, p. 291-301, 2020a. Disponível em: <https://www.revistaescripturas.com/20202-6>. Acesso em 19/03/2021.

SANTOS JÚNIOR, C. Cícero e o propósito da criação do homem: tradução do capítulo XIV da obra *De ira Dei* de Lúcio Cecílio Firmiano Lactânio. **Rónai**, v. 8, p. 108-115, 2020b. DOI: <https://doi.org/10.34019/2318-3446.2020.v8.31726>. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/ronai/article/view/31726>. Acesso em: 18/03/2021.

SANTOS JÚNIOR, C. Os três degraus para o alcance da verdade, por Lúcio Cecílio Firmiano Lactânio: tradução do capítulo II da obra *De ira Dei*. **Caletrosκόpio**, v. 8, p. 46-54, 2020c. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br:8082/pp/index.php/caletroscoPIO/article/view/4460>. Acesso em 24/03/2021.

SANTOS JÚNIOR, C. A **De aetatibus mundi et hominis** sem a letra 'a', por Fulgêncio, o Mitógrafo: tradução lipogramática do prólogo. **Nuntius Antiquus**, Belo Horizonte, 16 jul. 2020d. Disponível em: [https://periodicos.ufmg.br/index.php/nuntius\\_antiquus/article/view/19416](https://periodicos.ufmg.br/index.php/nuntius_antiquus/article/view/19416). Acesso em: 19 jul. 2020.

SANTOS JÚNIOR, C. Fulgêncio sem a letra 'c' tradução do livro III do lipograma *De aetatibus mundi et hominis*. **Belas Infiéis**, Brasília, v. 9, n. 1, p. 243-249, 2020e. DOI: <https://doi.org/10.26512/belasinfiéis.v9.n1.2020.26021>. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfiéis/article/view/26021>. Acesso em: 21 maio 2020.

SANTOS JÚNIOR, C. A vida de Jesus Cristo sem a letra 'm', por Fulgêncio, o Mitógrafo: tradução do livro XII do lipograma **De aetatibus mundi et hominis**. **PhaoS**, Campinas, v. 20, p. 1-8, 2020f. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/phaos/article/view/13496>. Acesso em: 13 jun. 2020.

SANTOS JÚNIOR, C. A problemática do prólogo da **De aetatibus** e sua tradução alipogramática. **CODEX**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 321-330, 2020g. DOI: <https://doi.org/10.25187/codex.v8i1.31811>. Acesso em: 18 jul. 2020.

SANTOS JÚNIOR, C. A idade bíblica dos juízes sem a letra 'g': tradução do Livro VII do lipograma **De aetatibus mundi et hominis** de Fulgêncio, o Mitógrafo. **Revista Archai**, Brasília, n. 30, p. e03023, 2020h. DOI: [https://doi.org/10.14195/1984-249X\\_30\\_23](https://doi.org/10.14195/1984-249X_30_23). Disponível em: [https://impactum-journals.uc.pt/archai/article/view/1984-249X\\_30\\_23](https://impactum-journals.uc.pt/archai/article/view/1984-249X_30_23). Acesso em: 11 ago. 2020.

SANTOS JÚNIOR, C. As Pragas do Egito e o Êxodo Hebraico sem a letra 'f': tradução do Livro VI do lipograma **De aetatibus mundi et hominis** de Fulgêncio, o Mitógrafo. **Revista Belas Infiéis**, v. 9, p. 379-390, 2020i. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfiéis/article/view/29893>. Acesso em: 01 nov. 2020.

SANTOS JÚNIOR, C. Isaías, Judite e Zedequias sem a letra 'i': tradução do Livro IX do lipograma **De aetatibus mundi et hominis** de Fulgêncio, o Mitógrafo. **TRANSLATIO**, v. 19, p. 135-149, 2020j. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/translatio/article/view/102777>. Acesso em: 01 nov. 2020.

SANTOS JÚNIOR, C. Alexandre, o Grande, por Fulgêncio, o Mitógrafo: tradução do Livro X do lipograma **De aetatibus mundi et hominis**. **SIGNUM** - Revista da ABREM, v. 21, p. 357-368, 2020k. Disponível em: <http://www.abrem.org.br/revistas/index.php/signum/article/view/487>. Acesso em 03 nov. 2020.

SANTOS JÚNIOR, C. Os irmãos Esaú e Jacó e as irmãs Lia e Raquel, por Fulgêncio, o Mitógrafo: tradução alipogramática do livro V da **De aetatibus mundi et hominis**. **Em Tese**, v. 26, p. 259-269, 2020l. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/view/16636>. Acesso em 26 nov. 2020.

SANTOS JÚNIOR, C. A decapitação de Holofernes e as revoltas dos Macabeus: tradução alipogramática do Livro IX da **De aetatibus mundi et hominis** de Fulgêncio, o Mitógrafo. **Calíope**, v. 39, p. 01-17, 2020m. DOI: <https://doi.org/10.17074/cpc.v1i39.34543>. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/caliope/article/view/34543>. Acesso em 26 mar. 2021.

SANTOS JÚNIOR, C. A criminosa história de Roma sem a letra I, por Fulgêncio, o Mitógrafo: tradução do Livro XI do lipograma **De aetatibus mundi et hominis**. **Mare Nostrum**, v. 11, p. 235-250, 2020n. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/marenostrum/article/view/179136>. Acesso em: 19 marc. 2021.

SANTOS JÚNIOR, C. Vestígios do experimentalismo poético greco-latino. **Anuário de Literatura**, Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 172-191, jun. 2020o. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-7917.2020v25n1p172>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/2175-7917.2020v25n1p172>. Acesso em: 09 jul. 2020.

SANTOS JÚNIOR, C. **A “Idade das Trevas” entre o platonismo literário e o problema da literariedade:** tensionando a poética experimental. **Crátilo**, Pato de Minas, v. 13, n. 1, p. 244-258, 2020p. Disponível em: [https://revistas.unipam.edu.br/index.php/cratilo/issue/view/166/cratilo\\_v13\\_n1](https://revistas.unipam.edu.br/index.php/cratilo/issue/view/166/cratilo_v13_n1). Acesso em: 25 set. 2020.

SANTOS JÚNIOR, C. O problema da transmissão textual entre os dois Fulgêncios. **Tabuleiro de Letras**, Salvador, v. 13, n. 2, p. 208-226, 2019. DOI: <https://doi.org/10.35499/tl.v13i2.6976>. Disponível em: <http://www.revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/6976>. Acesso em: 10 mar. 2020.

SANTOS JÚNIOR, C. Rastros da tradição literária experimental. **Estudos Linguísticos e Literários**, Salvador, n. 62, p. 130-147, 2019a. DOI: <https://doi.org/10.9771/ell.v0i62.30441>. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/estudos/article/view/30441>. Acesso em: 12 mar. 2020.

SANTOS JÚNIOR, C. Refletindo a fenomenologia de uma tradução lipogramática da **De aetatibus mundi et hominis**. **PERcursos Linguísticos**, Vitória, v. 9, p. 101-119, 2019b. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/26875>. Acesso em: 13 abr. 2020.

SANTOS JÚNIOR, C. Traduzindo o quarto Livro do lipograma fulgenciano. **A Palo Seco**, Itabaiana, n. 12, p. 90-94, 2019c. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/apaloseco/article/view/12956>. Acesso em: 12 mar. 2020.

SANTOS JÚNIOR, C.; AMARANTE, J. Adão, Eva, Caim e Abel sem a letra ‘a’, por Fulgêncio, o Mitógrafo: tradução do Livro I do lipograma **De aetatibus mundi et hominis**. **Rónai**, Juiz de Fora, v. 8, n. 1, p. 88-98, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/ronai/article/view/27256>. Acesso em: 09 jul. 2020.

SANTOS JÚNIOR, C.; AMARANTE, J. Elementos da tradição palindrômica antiga. **Afluentes**, Bacabal, v. 4, p. 195-213, 2019. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/afluentes/article/view/12287>. Acesso em: 18 maio 2020.

SANTOS, M. Les références aux Mythologies de Fulgence dans la Généalogie des dieux païens de Boccace. In: CASANOVA-ROBIN, H.; LONGO, S. G.; LA BRASCA, F. Boccace humaniste latin. Paris: Classiques Garnier, 2016. p. 251-280.

SILVA, R. G. T. da. Die autonomie des übersetzters – desconstruindo os pressupostos metafísicos de estudos tradicionais da tradução. **Remate de Males**, Campinas, SP, v. 38, n. 2, p. 827–852, 2018. DOI: 10.20396/remate.v38i2.8651771. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8651771>. Acesso em: 5 dez. 2020.

VALERO MORENO, J. M. La Expositio Virgiliana de Fulgencio: poética y hermenéutica. **Revista de Poética Medieval**, Alcalá de Henares, n. 15, p. 112-192, 2005.

VENUTI, M. ‘Spoudogeloion’, Hyperbole and Myth in Fulgentius’ Mythologiae. In: MORETTI, P. F.; RICCI, R.; TORRE, C. **Culture and Literature in Latin Late Antiquity**. Continuities and discontinuities. Turnhout: Brepols, 2015. p. 307-322.

VENUTI, M. **Il “prologus” delle Mythologiae di Fulgenzio**. Introduzione, testo critico, traduzione e commento. Napoli: Paolo Loffredo Iniziative Editoriali Srl, 2018.

VENUTI, M. **Il prologo delle Mythologiae di Fulgenzio**: Analisi, traduzioni, commento. 2009. 324 f. Tese (Doutorado em Letras Clássicas) – Dipartimento di Filologia Classica e Medievale, Università degli Studi di Parma, Parma, 2009. Disponível em: <http://dspace-unipr.cineca.it/handle/1889/1042>. Acesso em: 7 set. 2020.

WHITBREAD, L. G. **Fulgentius, The Mythographer**. Ohio: State University Press, 1971.

WOLFF, É. **Fulgence, Virgile dévoilé**. Villeneuve-d’Ascq: Presses Universitaires du Septentrion, 2009.

WOLFF, É.; DAIN, P. **Fulgence, Mythologies**. Villeneuve d’Ascq: Septentrion Presses Universitaires, 2013.

*Recebido em: 08/12/2020.*

*Aceito em: 29/03/2021.*